

Artigo de Revisão

Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil

Sandra Aparecida Queiroz Kusunoki
Carmen Maria Aguiar

Departamento de Educação Física, IB/UNESP Rio Claro, SP, Brasil

Resumo: A dança é considerada a mais antiga das artes, por evidências encontradas em desenhos nas cavernas pré-históricas; o homem se expressou antes pela linguagem do corpo e posteriormente pela fala e escrita. Os povos antigos utilizaram a dança em fatos importantes de sua época e cultura, muitas vezes em rituais religiosos com vistas para se obter uma boa colheita - seu modo econômico vigente. A dança do ventre nasceu aproximadamente 8.000 anos a.C. como uma dança sagrada. Ao início era praticada por sacerdotisas, e posteriormente por todas as mulheres da Mesopotâmia. Praticamente uma ginástica da Antiguidade, até os dias atuais é utilizada pelas mulheres beduínas como exercícios preparatórios para o parto normal. No Brasil, é bastante praticada, e nossa cultura corporal favorece seu aprendizado e aperfeiçoamento, promovendo a formação de dançarinas profissionais.

Palavras-chave: Dança. Dança do ventre. Corpo. Saúde. História. Arte.

Historical aspects of Belly Dance and its practice in Brazil

Abstract: Dance is regarded as one of the oldest art forms, which is based on evidence from prehistoric paintings found in caves; man expressed himself through body language prior to the development of spoken and written forms of communication. Dance was then used during important events, common to their era and culture, and often in religious rituals, to ensure good harvests – their economic activity. Belly-dance appeared approximately eight thousand years B.C.E. as a sacred dance firstly practiced by priestesses, and after that, it was popularized amongst women from Mesopotamia. Virtually considered an ancient form of physical exercise, it is still practiced by Bedouin women as a preparation for spontaneous delivery. In Brazil, belly-dance is widely practiced and our corporal culture enables its learning and improvement, resulting in professional dancers.

Key Words: Dance. Belly dance. Body. Health. History. Art.

Dança do Ventre: aspectos históricos e práticas atuais

A dança é considerada a mais antiga das artes, pois o ser humano se expressou primeiramente pela linguagem do corpo e depois pela fala e escrita. As civilizações e os povos antigos utilizaram a dança em quase todos os fatos importantes de sua época e cultura, como em oferendas de sacrifícios, rituais religiosos e/ou culturais, festas relacionadas ao nascimento de crianças, à circuncisão, aos funerais, à guerra, às doenças, à sementeira e à colheita, estas duas últimas relacionadas à agricultura, ou seja, ao modo de produção da Antiguidade. ([GARAUDY](#), 1980; [MOHAMED](#), 1995).

A dança era um ofício respeitado por toda casta sacerdotal e honrado pelas tradições culturais e religiosas, e sempre com estreitos vínculos com a música, assim como com o canto. Utilizavam-se instrumentos de percussão para

reforçar os movimentos da dança os quais foram indispensáveis desde as origens da dança até a atualidade ([MOHAMED](#), 1995).

No vale do Nilo, na Antiguidade, a dança era uma forma de expressar alegria que estava sempre presente nas festas e comemorações. Por exemplo, quando se realizava a colheita, eram preparados rituais com dança, como ação de graças. ([MOHAMED](#), 1995; [WALTARI](#), 2002).

A vida na antiga Mesopotâmia era marcada pelas cheias e vazantes dos rios Tigre e Eufrates, que ditavam as estações de plantio e de colheita. Nessas duas fases, as mais notáveis do calendário sumério, aconteciam festas populares, sendo que no momento da sementeira, as pessoas acasalavam-se no sulco da terra arada, na espera que o Céu fizesse o mesmo com a Terra, fecundando-a. Homens e mulheres clamavam os favores generosos da deusa, em rituais, nos quais se incluía a dança, denominada

dança da fertilidade. A Terra, a “Grande Mãe”, cujos frutos eram a generosidade na colheita, propiciava a reverência a “mulher –boa –paridora” (PENNA, 1993).

Para os antigos egípcios, a nudez tinha um significado religioso, pois para propiciar a colheita, havia um ritual de dança executado por uma bailarina nua e virgem. Algumas vezes as bailarinas dançavam cobertas por umas pequenas capas. Existiam danças para a caça, para as mães, enfim, as coreografias contavam histórias relacionadas aos seus personagens. Nos rituais de matrimônio ou funerais algumas vezes eram executadas coreografias com espadas para demonstrar o domínio de armas, com a intenção de proteger o noivo ou o defunto das más intenções de seus inimigos (WALTARI, 2002; MOHAMED, 1995).

A dança era, no antigo Egito, uma das obrigações para com os deuses, juntamente com a música e o incenso, conforme se menciona nas anotações do médico Ani. (WALTARI, 2002; PENNA, 1993; MOHAMED, 1995).

Mohamed (1995) explica que optou por utilizar a expressão “Dança do Ventre” para tratar esta dança com o intuito de esclarecer que é a “dança árabe para mulheres” e que tal expressão lhe caía melhor que “dança árabe” ou “dança oriental árabe”, pois esta dança possui elementos de diversas outras culturas como a faraônica, a fenícia, a núbica, a turca, ou a bereber. Ele cita isso porque atualmente existe uma polêmica sobre a expressão “dança do ventre” principalmente entre as bailarinas de tradição árabe que não julgam justo ser valorizada apenas uma parte do corpo, o que pode acabar resultando numa visão simplista desta dança que movimentava o corpo inteiro, valorizando mãos e braços, bem como movimentos extremamente voluptuosos de cabeça com o cabelo como elemento principal, por isso também a razão dos cabelos compridos. Esta vertente costuma adotar a expressão “dança árabe” ou “dança árabe oriental” ou ainda “dança do leste” (SHARKEY, 2002).

La Regina (1998) indica que a nomenclatura mais adequada, e que é inclusive utilizada nos países árabes, é “dança do oriente”. No entanto, para uma clareza maior sobre qual dança tratamos, na comunidade científica utilizamos a

expressão “dança do ventre”, ou “belly dance”, em inglês.

Ao longo da história, a dança do ventre, que varia seu estilo de um país para outro, seguiu um processo evolutivo através dos séculos, que se desenrolou em dois tipos de cenários: o culto e o popular, o palácio e a rua. De qualquer forma a dança do ventre pode ser considerada a dança clássica do mundo árabe.

A dança do ventre é uma dança que se situa entre o folclore e a criação pessoal, porque por um lado possui uma estrutura básica constante e por outro, existe também um componente importante de improvisação que oferece à dançarina uma liberdade ampla para realizar seus movimentos num extraordinário equilíbrio entre regra e liberdade, sujeição e criatividade pessoal. É através desta improvisação que se pode exteriorizar todas as suas qualidades expressivas e alcançar a distinção artística a que chegam as grandes dançarinas da atualidade. (MOHAMED, 1995, p.10)

Estas grandes dançarinas costumam se apresentar juntamente com orquestras clássicas árabes, em aparições públicas, em praças, nas datas comemorativas, patrocinadas pelo Estado, ou mesmo com outras orquestras particulares em teatros e restaurantes de primeira classe. São extremamente populares, alcançando uma posição equivalente a de artistas de grandes redes de TV de cada país, talvez até mesmo acima destes, pois que são consideradas, algumas vezes, divinas, verdadeiras deusas. Neste ponto, encontra-se aquele paralelo de palácio e rua, pois ou as dançarinas são estas artistas grandiosas, ou são prostitutas que dançam em alguns médios e pequenos restaurantes turísticos. Normalmente, os turistas estrangeiros costumam assistir a estas dançarinas prostitutas, e não às mais famosas, às estudiosas que dançam com as orquestras, para as quais são necessários testes rigorosos de ritmos árabes. Portanto, muitos turistas acabam por não assistir o verdadeiro espetáculo da dança árabe, o mais refinado, com som ao vivo, com violinos, alaúde, acordeom e instrumentos percussivos.

De acordo com Mohamed (1995), alguns traços de elementos que podem ser considerados antecessores da dança do ventre encontram-se em pinturas e esculturas do Egito faraônico. Desta época, na qual a dança era uma prática sagrada, até os dias de hoje, seu caráter se modificou muito. No Egito faraônico, a dança era uma prática das sacerdotisas, nos interiores dos

templos, ou exibida apenas nos eventos oficiais. Após a invasão árabe, passou a ser exibida também na forma de entretenimento para convidados nos palácios. Ao fim do califato em 1258 e com a radicalização do Islamismo, entrou numa época de declínio. Ainda no Egito, por volta do século XVI a dança começou a ser executada em locais de prostituição. Com a sua divulgação e prática mundiais, em todos os países aonde é praticada existe a ocorrência de dança do ventre nestes locais, sendo que não se fazem necessárias as suas formas técnica e artística, ou seja, ocorre com frequência da apresentação de dança ser apenas um anúncio, e lá encontramos uma mulher com roupas típicas árabes, que serão retiradas durante a apresentação de uma movimentação corporal, ou não, mas de qualquer forma não há um compromisso cultural nos locais de prostituição.

Na atualidade, em sua prática artística e cultural, o estilo egípcio da dança do ventre é o mais conhecido e nele se mesclam movimentos suaves e lentos com enérgicos e rápidos. É largamente executada a sua dança do bastão, sendo esta, inclusive, disciplina em escolas de ensino equivalente ao nosso fundamental, tanto a dança feminina quanto a masculina, e danças com movimentos repetitivos como o dos movimentos com a cabeça, à direita e à esquerda, e para frente e para trás, de tal forma que os cabelos desenham formas no ar, com uma movimentação enérgica e veloz. Por isso, também, a característica de dançarinas manterem seus cabelos compridos, não sendo somente uma questão estética, mas um elemento atuante e realmente necessário nesta dança. No Líbano o ritmo é muito mais alegre e dinâmico, e as dançarinas costumam dançar com sapatos de salto alto. Na Turquia, por influência sufí, possui características mais espirituais, com predominância de movimentos de braços e de ombros.

[Sharkey](#) (2002) narra que nas aldeias beduínas, as mulheres têm por costume dançar com vestidos longos, de seda, bordados com contas, lantejoulas, e pequenas moedas. Levam um grande lenço amarrado no quadril para acentuar seus movimentos, valorizando-os. Todas elas dançam descalças.

Em sua descrição sobre a cultura corporal da mulher beduína, [Sharkey](#) (2002) explica que o corpo destas mulheres é solto, porque trabalha

na roça, lava a roupa no rio, alonga o corpo e flexiona as pernas, até mesmo para comer, fazendo as refeições sentadas ao chão, como é próprio da cultura de seu povo. Dá a luz na mata, e lá mesmo, corta o cordão umbilical; são mulheres ensinadas a serem fortes. Dançam naturalmente, sem nenhuma técnica ou regra rígida.

A dança do ventre, atualmente, é praticada em todos os países árabes, sendo que em cada país possui uma singularidade, seja esta presente nos tipos de passos e técnicas da dança, ou ainda nos instrumentos, ritmos, indumentárias e tipos de músicas utilizados ([LA REGINA](#), 1998).

A Dança do Ventre no Brasil

Hoje, no Brasil, os estilos mais dançados são o egípcio e o libanês. Algumas dançarinas brasileiras se destacam em festivais internacionais; nossa cultura corporal em relação à dança em movimentos como os realizados em samba, forró, lambada, propiciam-nos algumas vantagens na aprendizagem e desenvolvimento da dança do ventre. Temos bailarinas famosas como a paulistana Gisele Bomentre, que já foi bailarina do Teatro Municipal de São Paulo, e conseguiu entrar no Egito como dançarina profissional a partir de testes rigorosos, onde dançou com várias orquestras públicas e em programas de TV, fazendo ressurgir popularmente entre eles a dança da espada. Ela foi largamente conhecida como a dançarina da espada naquele país. A dançarina Soraya Zayed, esta de origem árabe, da casa de chá egípcia Khan el Khalili de São Paulo, também fez muito sucesso por onde passou no Oriente Médio, sendo inclusive convidada a dividir palco com Dina, a dançarina mais famosa daquele momento no Egito. Hayat el Helwa, proprietária e professora da Luxor, escola de dança do ventre do município de São Paulo, também venceu dois dos festivais anuais promovidos pela International Academy of Middle Eastern Dance, com sede nos E.U.A., os de 2000 e 2003, com números solo, e também foi convidada a ministrar um curso no festival internacional do Cairo, em 2005. Nájua, paulistana que é também bailarina clássica, se tornou popular aqui no Brasil por meio da casa de chá Khan el Khalili. Tal dançarina foi contratada por um hotel cinco estrelas do Egito, e fez aparições em programas populares de redes de TV libanesa. Todas estas bailarinas apareceram

no plano de fundo da novela "O Clone", da Rede Globo, em algumas das festas da novela. Atuaram também Lulu Sabongi, proprietária e professora da Casa de Chá Khan el Khalili, dançando, e Tony Mouzayek e seu conjunto, libanês radicado na cidade de São Paulo, cantor mais popular deste estilo no Brasil e líder do conjunto que gravou maior número de Cd's deste estilo no país até o presente momento.

No Brasil, a dança do ventre se popularizou muito, especialmente com a repercussão obtida após a novela "O Clone". Através da novela, o público pode ver alguns tipos de roupas utilizadas e alguns elementos da dança, bem como a utilização da mesma em festas, como as de casamento.

O desenvolvimento da dança do ventre no Brasil se dá hoje em âmbito nacional, porém, a produção artística é mais concentrada em São Paulo, onde existe maior quantidade de profissionais da área, como professoras, dançarinas, coreógrafas e músicos. Há um grande número de imigrantes árabes e descendentes, tanto no estado como no município de São Paulo, o que favorece esta proliferação da sua cultura, na qual a manifestação artística está sempre muito presente. [Rondinelli](#) (2002) traz a informação de que o estado de São Paulo foi o que recebeu maior número destes imigrantes no país.

Até os dias atuais, além de fazer parte de uma manifestação cultural local, as mulheres das tribos beduínas do deserto ainda praticam esta dança com a finalidade de se prepararem para o parto. A partir de depoimentos de dançarinas e pesquisadoras que já visitaram essas tribos, sabe-se que as mulheres se reúnem em torno da parturiente para realizarem exercícios relativos à dança, para contribuírem na redução das dores e do tempo do parto.

A dança do ventre, por ser extremamente sensual, foi e é utilizada de forma deturpada em relação ao seu caráter e significados antigos, sendo apresentada em "shows" de "strip-tease", em locais de prostituição de todo o mundo. Esta visão relacionada ao sexo ou à sedução é normalmente a primeira que aparece quando se fala de dança do ventre, atualmente. Aspecto inegável, porém muito pequeno diante da grande manifestação cultural existente no Oriente Médio em torno destes espetáculos de dança, que

envolvem orquestras ricas na diversidade de seus instrumentos, e que tocam para o solo de uma bailarina, normalmente famosa e reconhecida pelo público de seu país.

Um dos efeitos negativos da globalização que tem ocorrido, é a repressão à prática desta dança em algumas tribos beduínas, por causa dos aspectos que têm sido relevantes no ocidente, relativos a sensualidade e vulgaridade atribuídos a essa dança, aspectos sobre os quais essas tribos possuem preconceito, por questões culturais e religiosas.

Considerações Finais

Tem sido importante o fato de bailarinas e professoras de dança do ventre no mundo inteiro estarem apresentando danças típicas e clássicas, trazendo dessa forma para o conhecimento do público leigo suas diversas manifestações, e muitas também têm estudado cada vez mais os seus aspectos históricos e repassado isso para suas alunas, tanto em aulas presenciais como por meio de breves relatos existentes nas páginas virtuais das escolas de dança, preservando este aspecto cultural, no que se refere às formas de apresentação da dança, os instrumentos utilizados e acessórios de acordo com as tradições e ritmos, as danças folclóricas de cada região, as inovações, bem como as fusões e transformações desta dança, e também informando sobre a história da dança árabe ou dança do ventre, seu passado sagrado e os benefícios para a saúde.

Novos estilos também têm surgido, em diversos países que a praticam, sendo grande a contribuição dos EUA e Brasil. Como exemplos, fusões de passos de dança árabe com dança flamenca, como nos estilos tribais; na indumentária; coreografias com passos de dança do ventre em outros ritmos musicais, como o rock e samba, e também a utilização de passos de balé clássico e contemporâneo nas apresentações, e até mesmo o uso da sapatilha de ponta. Inovações com profusão de fusões, tanto de estilos da própria dança como nas músicas ou roupas, ou de significados, como as que estão ocorrendo praticamente em todas as manifestações artísticas e culturais da modernidade tardia, no mundo inteiro.

Referências

[GARAUDY](#), R. **Dançar a vida**. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

[LA REGINA](#), G. **Dança do ventre: uma arte milenar**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 1998.

[MOHAMED](#), S. **La danza mágica del vientre**. 1. ed. Madrid: Mandala, 1995.

[PENNA](#), L. **Dance e recreie o mundo**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1993.

[RONDINELLI](#), P. **Entre a deusa e a bailarina: a polifonia cultural da dança do ventre**. 2002. 94 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2002.

[SHARKEY](#), S. S. **Resgatando a feminilidade: expressão e consciência corporal pela dança do ventre**. 2. ed. São Paulo: Scortecci, 2002.

[WALTARI](#), M. **O egípcio**. 1. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ORIENTE, ENCANTO E MAGIA. São Paulo: Claudia Mattar, n. 19, 2001.

REVISTA CANTARES. São Paulo: Cantares, n. 2, [200-].

SAÚDE. São Paulo: Abril, n. 216, 2001.

TUDO SOBRE DANÇA DO VENTRE. São Paulo: Escala, n. 1, [200-].

TUDO SOBRE DANÇA DO VENTRE. São Paulo: Escala, n. 2, [200-].

Endereço:

Sandra Aparecida Queiroz Kussunoki
Travessa Maria Carolina, 32.
Mogi Mirim SP Brasil
13800-054
e-mail: sandrakussunoki@gmail.com

Bibliografia Consultada

A ARTE DA DANÇA DO VENTRE. São Paulo: Mid Produções, n. 1, [200-].

A ARTE DA DANÇA DO VENTRE. São Paulo: Mid Produções, n. 2, [200-].

A ARTE DA DANÇA DO VENTRE. São Paulo: Mid Produções, n. 3, [200-].

A ARTE DA DANÇA DO VENTRE. São Paulo: Mid Produções, n. 4, [200-].

DANÇA DO VENTRE. São Paulo: Escala, n. 1, [200-].

DANÇA ORIENTAL. São Paulo: Escala, n. 1, [200-].

GUIA DA DANÇA DO VENTRE. São Paulo: Escala, n. 1, [200-].

AS MIL E UMA NOITES. São Paulo: Escala, n. 1, [200-].

A MILENAR DANÇA DO VENTRE. São Paulo: Escala, n. 1, [200-].

A MILENAR DANÇA DO VENTRE. São Paulo: Escala, n. 2, [200-].

MINHA REVISTA ESPECIAL. São Paulo: Escala, n. 8, [200-].

*Recebido em: 1 de novembro de 2008.
Aceito em: 11 de maio de 2009.*



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)